

**Danielle Helena Almeida Machado
Janaina Cazini
(Organizadoras)**



**O Fortalecimento da
Escola Inclusiva, Diversa
e com Qualidade no Ensino**

Danielle Helena Almeida Machado

Janaina Cazini

(Organizadoras)

O Fortalecimento da Escola Inclusiva, Diversa e com Qualidade no Ensino

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F736	<p>O fortalecimento da escola inclusiva, diversa e com qualidade no ensino [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-604-1 DOI 10.22533/at.ed.041190309</p> <p>1. Educação e Estado. 2. Educação especial. 3. Educação inclusiva. 4. Inclusão escolar. 5. Prática de ensino. I. Machado, Danielle H. A. II. Cazini, Janaina.</p> <p style="text-align: right;">CDD 371.9</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*Educação Inclusiva*”, vem apresentar nos diversos artigos os argumentos e resultados de pesquisas de grandes autores que nobremente norteiam os aspectos condizentes a Educação Inclusiva. Dessa forma, traduz um viés das prerrogativas do ensino e aprendizagem dos docentes na performance das experiências com a educação inclusiva, a presença da psicopedagogia nas dificuldades escolares, as preocupações com a Educação Ambiental no garimpo e no campo, entre outras narrativas condicentes.

Desafios e oportunidades em todos as modalidades educacionais estão pautadas nas entrelinhas das publicações da Atena Editora, os capítulos apresentam estudos sobre a Educação Inclusiva, a Educação Ambiental e as Políticas Públicas na esfera Inclusiva na Sociedade.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Que adequou as instituições, de maneira geral, a conjeturar estudos, metodologias como alternativas viáveis de inclusão educacional.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que são excluídos socialmente ou por suas deficiências físicas, ou por suas deficiências tecnológicas bem como a Modalidade de Educação a Distâncias e toda sua beneficie massiva e transformadora da pratica educacional, apresentando artigos que: refletem sobre a formação do Professor na perspectiva inclusiva; a Alternativa da Educação a Distância para suprir nas necessidades física, econômicas e sociais; Estudos de casos que apresentam desafios e soluções para os públicos em questão.

Os aspectos que norteiam a Educação Ambiental estão intimamente ligados aos processos educacionais de gestão que efetuam experiências e práticas educativas no desenvolvimento da prática sustentável no campo, no garimpo e das diversas áreas de difícil acesso do público que necessita atenção especial.

Ao que concerne as Políticas Públicas na esfera Inclusiva na Sociedade, refere-se na atuação da psicopedagogia frente às dificuldades de aprendizagem, a história e memória do sindicato dos trabalhadores, bem como, o papel da educação na sociedade referindo-se à formação dos educandos do ensino médio.

Para tanto, todas as práticas educacionais da Educação Inclusiva são imprescindíveis ao ensino e aprendizagem eficaz e satisfatório do educando. Os saberes estão correlacionados nas leis vigentes e nas práticas didáticas educacionais. Dessa forma, estima-se reportar à Educação Inclusiva como abrangente e competente.

Por fim, espera-se que este livro possa fortalecer e clarificar os leitores sobre as várias modalidades da Educação Inclusiva como força motriz para o desenvolvimento e a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A URGÊNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREAS DE GARIMPO NO NORTE MATO-GROSSENSE	
José Aldair Pinheiro Aumeri Carlos Bampi Edneuzza Alves Trugillo	
DOI 10.22533/at.ed.0411903091	
CAPÍTULO 2	6
EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA ESCOLA MUNICIPAL ANÍSIO TEIXEIRA – CURITIBA/PR	
Janaina Frantz Boschilia	
DOI 10.22533/at.ed.0411903092	
CAPÍTULO 3	10
LIXO MARINHO E A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO MUNICÍPIO DE CANANÉIA, LITORAL SUL DO SÃO PAULO	
Daiana Proença Bezerra Valéria Ghislotti Iared	
DOI 10.22533/at.ed.0411903093	
CAPÍTULO 4	22
GESTÃO DE PROCESSOS EDUCATIVOS ESCOLARES: PONTOS E CONTRAPONTO SOBRE ORGANIZAÇÃO, SUJEITOS E PARTICIPAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO	
Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho Maria Jucilene Lima Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.0411903094	
CAPÍTULO 5	37
INSERÇÃO DO TRABALHO ACADÊMICO NO ENSINO BÁSICO DA ZONA RURAL RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Everton Aparecido Moreira de Souza Cremilson de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0411903095	
CAPÍTULO 6	41
NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: PARTILHANDO SABERES DOCENTE SOBRE CURRÍCULO CONTEXTUALIZADO À REALIDADE DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SERRINHA-BA	
Maria Lúcia Anunciação Martins Juliana Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0411903096	
CAPÍTULO 7	53
A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO	
Matheus Casimiro Soares Ferreira Lucas Casimiro Soares Ferreira Meubles Borges Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.0411903097	

CAPÍTULO 8 64

OS DESAFIOS PARA A OFERTA DO ENSINO NAS CLASSES MULTISSERVIADAS NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE DUTRA-BAHIA

Maiane Alves Machado
Maria Dorath Bento Sodré

DOI 10.22533/at.ed.0411903098

CAPÍTULO 9 76

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS SABERES CONSTRUÍDOS PELOS PROFESSORES A PARTIR DE SUAS EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, EM DUAS ESCOLAS DE FORTALEZA

Daniel de Oliveira Perdigão
Ângela Martins de Castro
Mariana Lima Vecchio

DOI 10.22533/at.ed.0411903099

CAPÍTULO 10 81

PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS SOBRE O ENSINO DE BIOLOGIA EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO EM IMPERATRIZ/MA

Darlan Morais Oliveira
Fernando Brasil Alves
Ana Amélia Coelho Braga
Fyama da Silva Miranda Gomes
Josidalva de Almeida Batista
Josiane Almeida Silva
Alcicleide Pereira de Souza
Maria José Costa Faria
Henrique Silva de Souza
Maria da Conceição Silva Cardoso
Jael Sanches Nunes
Teresinha Guida Miranda

DOI 10.22533/at.ed.04119030910

CAPÍTULO 11 85

EXISTE UNIDADE NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS NO BRASIL?

Rubia Carla Donda da Silva
Viviani Fernanda Hojas

DOI 10.22533/at.ed.04119030911

CAPÍTULO 12 94

LITERATURA SURDA E O ENSINO DE LIBRAS: UM OLHAR PARA A CRIANÇA OUVINTE

Raylla Samara Pontes dos Santos
Aline de Fátima da Silva Araújo
Jéssica da Silva Ramos
Tamyres Soares Targino Muniz

DOI 10.22533/at.ed.04119030912

CAPÍTULO 13 108

MULTILETRAMENTOS, LIBRAS E FORMAÇÃO DOCENTE

Adriana Moreira de Souza Corrêa
Natália dos Santos Almeida

DOI 10.22533/at.ed.04119030913

CAPÍTULO 14 120

NEAI E SUAS AÇÕES AFIRMATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Carla Imaraya Meyer de Felipe
Surama Lopes do Amaral
Rosielen Alves de Souza
Sergio Machado Morais Júnior
Ivandro Rafael Heckler

DOI 10.22533/at.ed.04119030914

CAPÍTULO 15 131

ENSINO-APRENDIZAGEM DE ELETRICIDADE PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Pedro Arly de Abreu Paula
Gilberto Dantas Saraiva
Silvana da Silva Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.04119030915

CAPÍTULO 16 143

FOTOGRAFIA E CEGUEIRA: PARA ALÉM AS FRONTEIRAS DA COMUNICAÇÃO VISUAL

Ana Cláudia Dias Ribeiro
Aloir Pedruzzi Junior
Emi Silva de Oliveira
Caroline Alves Dias

DOI 10.22533/at.ed.04119030916

CAPÍTULO 17 152

O PAPEL DE DOCENTES E GESTORES ESCOLARES NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Pedro Felipe da Costa Coelho

DOI 10.22533/at.ed.04119030917

CAPÍTULO 18 167

PRÁTICAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS/EXATAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL – REVISÃO DE LITERATURA

Darlan Morais Oliveira
Ana Amélia Coelho Braga
Josidalva de Almeida Batista
Josiane Almeida Silva
Alcicleide Pereira de Souza
Maria José Costa Faria
Henrique Silva de Souza
Maria da Conceição Silva Cardoso
Larissa Carvalho de Sousa
Patrício Francisco da Silva
Leide Cintia Vieira Silva
Cremilda Peres Cangussu de Abreu

DOI 10.22533/at.ed.04119030918

CAPÍTULO 19	172
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: O PAPEL DAS POLÍTICAS DE ENSINO MÉDIO NA FORMAÇÃO DE EDUCANDOS NO MUNICÍPIO DA AMAZÔNIA PARAENSE	
Afonso Welliton de Sousa Nascimento	
Francinei Bentes Tavares	
Yvens Ely Martins Cordeiro	
Alexandre Augusto Cals e Souza	
DOI 10.22533/at.ed.04119030919	
CAPÍTULO 20	185
PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES SOBRE OS FATORES QUE INFLUENCIAM NA APROVAÇÃO NO ENEM	
Raelma Medeiros Dantas	
Maria Genilda Marques Cardoso	
Iloneide Carlos de Oliveira Ramos	
Isauro Beltrán Núñez	
DOI 10.22533/at.ed.04119030920	
CAPÍTULO 21	197
A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Tiago Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.04119030921	
CAPÍTULO 22	211
HISTÓRIA E MEMÓRIA DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE MORRO DO CHAPÉU-BA (1979-2015)	
Solon Natalício Araújo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.04119030922	
CAPÍTULO 23	226
POR UMA POÉTICA DA MEMÓRIA: NARRATIVAS VISUAIS ENTRECruzANDO TEMPOS E ESPAÇOS	
Roberto Lima Sales	
Mariane Freiesleben	
DOI 10.22533/at.ed.04119030923	
CAPÍTULO 24	238
FORMAÇÃO HUMANA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: TRAÇOS DE UMA RELAÇÃO QUE DESAFIA O PROFISSIONAL PROFESSOR	
José Robério de Sousa Almeida	
Maria Elizomar de Almeida e Silva Sousa	
Lia Hebe Gonçalves de Lima Oliveira	
Maria Josenir da Silva Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.04119030924	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

FOTOGRAFIA E CEGUEIRA: PARA ALÉM AS FRONTEIRAS DA COMUNICAÇÃO VISUAL

Ana Cláudia Dias Ribeiro

IFRO - *Campus Zona Norte*
Porto Velho - RO

Aloir Pedruzzi Junior

IFRO - *Campus Zona Norte*
Porto Velho - RO

Emi Silva de Oliveira

IFRO - *Campus Zona Ji-Paraná*
Porto Velho - RO

Caroline Alves Dias

IFRO - *Campus Zona Norte*
Porto Velho - RO

RESUMO: O projeto transmitiu a conceituação da arte da fotografia para além das fronteiras visuais, tendo como público alvo: jovens e adultos com graus variados de deficiência visual e membros visuais do Município de Porto Velho, com foco principal nos indivíduos portadores de deficiência visual. Partindo do pressuposto de que o sentido da visão não está restrito a captação física dos sinais luminosos, isto é, a visão em seu sentido mais amplo, compreende a subjetividade humana traduzida em seus estados psicológicos e conceituais, objetivou-se fortalecer o processo de inclusão social, compartilhando experiências sensoriais e promovendo um estreitamento nas relações entre pessoas visuais e com deficiência visual,

contribuindo para a melhoria da autoestima das pessoas com essa deficiência. Para a produção e execução foi realizado um breve histórico da fotografia por intermédio da obra de Benjamin (1994) e a experiência do fotógrafo Bavcar (1994) e Merleau-Ponty (2004) que encara a percepção como algo que vai além do visual, remetendo a um olhar interior que produz imagens mentais. A metodologia utilizada para repassar as técnicas de fotografia, considerando o público alvo, foi através de dinâmicas sensoriais e perceptivas realizadas durante as oficinas, promovendo a interação dos videntes com os deficientes visuais. O projeto resultou em conhecer a importância da fotografia, o papel que nela há de resgate da memória visual para aqueles que já possuíam essa experiência e a demonstração da construção dos nascidos cegos. Verificou-se a expressão do sentimento individual, a sua compreensão de como descrever para terceiros, a diferença singular das interpretações.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira visual. Fotografia. Cegueira.

PHOTOGRAPHY AND BLINDNESS: BEYOND THE FRONTIERS OF VISUAL COMMUNICATION

ABSTRACT: The project transmitted the conceptualization of the art of photography

beyond the visual boundaries, targeting: young adults and adults with varying degrees of visual impairment and visual members of the Municipality of Porto Velho, with a primary focus on individuals with visual impairment. Assuming that the meaning of the vision is not restricted to the physical capture of the luminous signals, that is, the vision in its broadest sense, understands the human subjectivity translated into its psychological and conceptual states, the objective was to strengthen the process of inclusion social, sharing sensory experiences and promoting a narrowing in the relations between visual and visually impaired people, contributing to improve the self-esteem of people with this deficiency. For the production and execution, a brief history of photography was carried out through Benjamin (1994) and the experience of the photographer Bavcar (1994) and Merleau-Ponty (2004) who sees perception as something that goes beyond the visual, referring to an inner look that produces mental images. The methodology used to pass the photography techniques, considering the target audience, was through sensorial and perceptive dynamics during the workshops, promoting the interaction of the visionaries with the visually impaired. The project resulted in knowing the importance of photography, the role of visual memory in those who already had this experience and the demonstration of the construction of the blind born. The expression of individual feeling, his understanding of how to describe to others, the singular difference of the interpretations was verified.

KEYWORDS: Visual border. Photography. Blindness.

1 | INTRODUÇÃO

A fotografia é definida como arte de desenhar com a luz. Nesse processo, a imagem se revela conforme a exposição à luz constitui-se, portanto, uma atividade visual. Atualmente, fotografar é uma atividade corriqueira, com uma câmera ou celular na mão basta um clique e está pronto um recorte da realidade, o qual resulta do olhar do fotógrafo. Desse modo, a visão é tida como requisito obrigatório para o fotógrafo.

A integração dos jovens e adultos com graus variados de deficiência visual nos diversos meios sociais têm sido um desafio, não só pela necessidade de adaptação das estruturas físicas necessárias à locomoção, mas principalmente, por estigmas e marginalização nos diversos ambientes sociais. Tornando-se comum a visão de que o deficiente visual é incapaz de se desenvolver em diversas áreas do conhecimento e da aprendizagem.

Evgen Bavcar, doutor em Filosofia da Estética pela Universidade de Paris, filósofo, fotógrafo e teórico da Arte, tem inspirado vários experimentos envolvendo deficientes visuais e atividade fotográfica. Ele nasceu na Eslovênia e ficou cego aos 12 anos, começou a fotografar por volta dos 17 anos com incentivo da irmã. Atualmente, Bavcar viaja o mundo defendendo a ideia que “a imagem não é forçosamente visual (...)” e que “a fotografia é uma propriedade possível também para os cegos”.

Partindo do pressuposto de que o sentido da visão não está restrito a captação física dos sinais luminosos, isto é, a visão em seu sentido mais amplo, compreendendo

a subjetividade humana traduzida em seus estados psicológicos e conceituais, o objetivo dessa experiência foi fortalecer o processo de inclusão social, compartilhando experiências sensoriais e promovendo um estreitamento nas relações entre pessoas visuais e com deficiência visual, contribuindo para a melhoria da autoestima das pessoas com essa deficiência. Como tentativa de ampliar os recursos de comunicação e expressão de pessoas portadoras de limites visuais ou cegueira.

Ressalta-se que o projeto ocorreu devido ao interesse acerca do tema, bem como, por ter uma aluna na instituição que após os dezesseis primeiros anos de vida se viu como dependente visualmente de terceiros, vez que foi acometida de doença nas córneas. Mesmo com tanta dificuldade esta faz o Curso Tecnólogo em Gestão Pública no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias de Rondônia (doravante IFRO), *Campus* Porto Velho Zona Norte.

Assim, o projeto a Fotografia e cegueira: um experimento sobre as fronteiras da comunicação visual nasceu de uma realidade vivenciada pelos profissionais da educação que atuam no IFRO, *Campus* Porto Velho Zona Norte, aliado aos conhecimentos e estudos realizados por um fotógrafo que auxiliou no desenvolvimento da atividade. Esse trabalho foi apresentado no V Congresso Internacional - Educação, Inclusão e Inovação, em Lisboa, em julho de 2017.

2 | CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

O projeto de extensão Fotografia e cegueira: um experimento sobre as fronteiras da comunicação visual foi realizado no IFRO, autarquia federal, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), criado através da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Detentor de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, equiparado às universidades federais. É uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampus.

Especializa-se em oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino para os diversos setores da economia, na realização de pesquisa e no desenvolvimento de novos produtos e serviços, com estreita articulação com os setores produtivos e com a sociedade, dispondo mecanismos para educação continuada. Trata-se de uma rede centenária de ensino atendendo a demanda de cada região do Estado, desde indígenas, quilombolas, portadores de necessidades especiais e outros.

O projeto refletiu a conceituação da arte da fotografia para além das fronteiras visuais, e teve como público alvo a comunidade interna e externa do IFRO, no município de Porto Velho/RO, envolveu jovens e adultos com variados graus de deficiência a interagir com membros visuais dessa comunidade.

O projeto proporcionou aos participantes a interação de uma forma humana e compreensão de que o olhar é muito mais do que podemos ver, valorizando a comunicação nas relações humanas e compreendendo melhor como se constitui o

universo dos deficientes visuais. Sabemos que um deficiente visual não vive num mundo sombrio e escuro, mas que eles percebem o ambiente e adquirem informações pelo tato, pela audição e pelo olfato.

Nisso somos iguais, somente com uma maneira diferente de observamos e até mesmo sentirmos o que está ao nosso redor, nas palavras de Bavar:

Ninguém domina o resultado. Na pintura também não. Talvez eu controle um pouco menos, do ponto de vista dos que enxergam, isto é daqueles que dizem que eu não vejo, de forma direta, minha imagem. Mas ninguém vê, nunca, sua imagem real, concreta. Todo pintor, todo escultor olha através de seus próprios óculos. Os meus são apenas um pouco mais escuros. (como citado em Tessler & Caron, 1998).

Observa-se que a pessoa que não enxerga deve ser estimulada a utilizar os outros sentidos desde cedo ou a partir do momento que perdeu a visão. Precisa aprender a desenvolver os outros sentidos, criando esquemas ou mapas mentais que a ajudem, por exemplo, localizar um supermercado. Guiando-se por outros elementos, tais como aroma, deslocamento do ar, barulhos e ruídos, dessa maneira um deficiente visual consegue se posicionar e captar através de uma lente fotográfica e transmitir através deste olhar o que eles conseguem ver e sentir.

Partindo desta explanação, este projeto levantou como problema a inclusão social das pessoas com deficiência visual nos diversos meios sociais, como grande desafio tanto nas estruturas físicas para a locomoção como na aceitação dos mesmos nos meios sociais.

Baseando-se nas técnicas de fotografia como uma tentativa de ampliar a comunicação e expressão de pessoas que possuem essa deficiência tendo como pressuposto que o sentido da visão não está restrito a captação dos sinais luminosos, mas na compreensão da subjetividade humana traduzida em seu estado psicológico e conceitual. No entanto, “o decisivo na fotografia continua sendo a relação entre o fotógrafo e sua técnica” (Benjamin, p. 100).

Objetivando fortalecer o processo de inclusão social compartilharam-se experiências sensoriais e promoveu-se um estreitamento no fortalecimento entre pessoas visuais e com deficiência visual. Com isso contribuiu-se com a melhora da autoestima através dos recursos cognitivo e constitutivo da fotografia como linguagem visual e processo de comunicação.

A partir de então se incrementou a assimilação dos processos visuais como elementos interpretativos na construção de uma comunicação criativa e expressiva através dos recursos da linguagem fotográfica com foco na deficiência visual, estimulando a pesquisa teórica e prática acerca das possibilidades da atividade fotográfica na produção do conhecimento e fomentando a inclusão social através das possibilidades interpretativas do deficiente visual.

A fotografia é muito mais que um olhar, apesar de ter sido considerada “durante muito tempo apenas como um registro do ‘real’, uma imagem que representa uma

cena de modo ‘fiel’” (Soldera, 2013, p. 975). É a transmissão da emoção é o terceiro olhar, é a arte de desenhar a luz capitada por indivíduos que já tiveram contato com a visão ou até mesmo os que nunca tiveram este contato.

Para Bavcar (1994) esse terceiro olhar pode ser compreendido como sendo “o olho o lugar mais obscuro do ser humano – porque ele recebe o máximo de luz - o olhar interior, o terceiro olho, é ainda mais, porque ele recebe a luz indispensável do espírito, da memória”. Então a fotografia é basicamente “a impressão da aparência plena do corpo sob a luz e subsequente no papel” (Belting, 2005, p. 71). Já para Flusser (1985, p. 19) “são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas”. E Bavcar, relata que:

“A fotografia para as pessoas, é uma coisa técnica e tecnológica, um trabalho de memória, uma impressão do real que não é possível. Para mim é a mesma coisa. Só que para mim não contém uma estética direta, um sentimento direto, mas indireto. Não há um sentimento direto, como se olhasse uma escultura ou a cara de uma pessoa, mas indireto, porque é com a palavra que eu entro nesta realidade visual”. (Magalhães, F., & Debértolis, K. (2003) como citado em Soldera, 2013, p. 976)

A fotografia para muitos é apenas uma imagem retratada e guardada, mas para os deficientes visuais é a maneira de transmitirem ao mundo a sua visão. De acordo com Brunella, o fotógrafo Brenden Borrellini, nasceu surdo e com visão limitada, que acabou evoluindo para a cegueira completa. A dificuldade não o impediu de desenvolver seu maior dom: a fotografia, provando que definitivamente o olhar vem de dentro da alma.

Para que Borrellini encherie suas obras, as imagens foram transformadas de 2D para 3D, para que ele através do tato possa captar a sua ideia. “Eu posso ter uma noção do que me cerca. Mas quando estou tirando fotos, ainda preciso de alguma ajuda para guiar a câmera na direção certa. Ainda tenho alguma dificuldade para capturar a foto de imediato”, declarou o fotógrafo.

Dessa forma podemos concluir que o ato de fotografar está além das fronteiras visuais, pois nos transmite um olhar do belo que fica em nossas memórias, mesmo aos que nunca viram a beleza natural do mundo utilizam-se do tato, do olfato e da audição para sentir essa beleza e nos mostram o que veem através de uma câmera obscura, de um olhar sentimental, nos transmitindo um sentimento que outrora era somente sentido por eles, mas que ao interagir com as pessoas visuais nos levam a ver o belo pelo seu olhar.

3 | CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA

Tendo em consideração o objetivo proposto e as abordagens teóricas recorridas foram utilizadas dinâmicas sensoriais e perceptíveis ao repassar as técnicas da fotografia. Assim, promoveu-se a interação das pessoas visuais com as não visuais, resultando em conhecer a importância da fotografia e o papel que nela há de resgate

da memória visual para aqueles que já possuíram tal experiência e para os nascidos cegos demonstrando a construção dessa memória.

Na primeira etapa do projeto, foi realizada a divulgação junto à comunidade interna e externa do IFRO, Porto Velho Zona Norte. Foram convidados a participar tanto as pessoas visuais da comunidade como os deficientes visuais.

A oficina iniciou com a participação de trinta pessoas, sendo vinte e quatro visuais e seis não visuais e teve como parceiro a ASDEVRON – Associação dos Deficientes Visuais do Estado de Rondônia. Com reuniões às quintas-feiras pela manhã. No princípio foi apresentado o estudo das técnicas da fotografia pelo professor e fotógrafo Walteir Costa, que ensinou a maneira correta de manusear e segurar a câmera e captura de imagem, utilizando a luz natural como auxílio para um foco infalível. Foram utilizados materiais concretos e paupáveis como recurso de preparação para o momento de fotografar.

Na segunda fase, foram realizadas dinâmicas onde os participantes visuais aprenderam a ser intérprete de imagens para os não visuais. Assim, interpretaram tudo o que viam de uma maneira clara e objetiva. Possibilitando a captação na memória da imagem descrita. Sendo ainda, vendados os olhos dos visuais para perceberem como é ver através do olhar de um deficiente visual, ou seja, ter a percepção daqueles que não tem a visão.

A terceira fase foi a saída de campo para capturar em diversos ambientes do Instituto. Os deficientes passaram a ter um contato direto com suas câmeras e seus intérpretes que os auxiliavam na descrição dos locais a serem fotografados, e assim se sentiram mais confiantes no que lhes era descritos. Em seguida foi lhes dado a oportunidade de sair para os pontos turísticos do Município, desenvolvendo seus conhecimentos e confiança.

Na última fase foi realizada a exposição das fotografias, no *Campus*, em evento aberto a toda a comunidade. Possibilitando aos que prestigiaram a exposição observar e perceber que não há fronteiras para quem não tem visão e sim um universo amplo a ser explorado, faltando apenas oportunidade.



Imagem 1: Parte da equipe do projeto na exposição das fotografias.

Fonte: Diego Doimo

4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentro da área temática comunicação, direitos humanos, justiça e tecnologia, o projeto em questão abrangeu como linha de extensão a arte visual e teve como prazo de realização um período aproximado de cinco meses.

O projeto teve uma relação com as atividades de pesquisa, ensino e extensão. Sendo que em relação à pesquisa muitas literaturas foram consultadas, conforme referencial anexo, gerando relatórios e artigo. Com relação ao ensino houve o envolvimento de estudantes bolsistas para a realização da atividade. Em relação a extensão envolveu pessoas da instituição e comunidade em geral.

Muitas vezes a integração dos deficientes se faz na sociedade pela força da lei, através desse projeto promoveu-se a sensibilização dos participantes visuais, a entenderem e pensarem na integração dos deficientes visuais; percebendo a necessidade de promoção de políticas públicas que favoreçam a efetiva integração dos deficientes visuais, seja no meio escolar, seja no mundo do trabalho, seja no lazer, entre outros.

Houve uma grande sensibilização sobre a inclusão social dos deficientes visuais com os participantes visuais da comunidade. No grupo de participantes do projeto havia deficientes visuais com pouca visão, deficientes que perderam há pouco tempo a visão e também os que nasceram sem ela, que buscaram juntamente com os demais participantes a interação e o aceitação dos mesmos no meio.

Durante o projeto observou-se que algumas pessoas se encontravam desanimadas por não serem aceitas na sociedade devido a sua deficiência, mas que ao se reunir foram aos poucos se reencontrando e adquirindo uma experiência nova. Notou-se que a sociedade se encontra despreparada e que nem sempre aceitam que um deficiente visual possa produzir uma atividade tida como exclusiva dos que possuem a visão. A foto a seguir ilustra como os intérpretes auxiliavam os deficientes visuais.



Imagem 2: Intérprete de imagem auxiliando um deficiente visual.

Fonte: Ana Cláudia

Ao utilizar o olhar do seu intérprete, o deficiente visual passa a ver por outro plano a imagem descrita, mas procura identificar de uma maneira pessoal o que abordar na realidade descrita. Buscando sentir através do cheiro, do ar, do som do ambiente que imagem fotografar. Portanto, ao terminarem este projeto os deficientes visuais passaram a compreenderem melhor as técnicas de fotografia, descobriram que podem “ver” e utilizar a câmera para transmitir a imagem.

Desta forma, os participantes encontraram na fotografia uma maneira de se expressar no meio social. Ampliando sua comunicação diante da sociedade, ganharam confiança e autoestima ao apresentarem suas fotos na exposição realizada no final deste projeto. Foto do jardim do IFRO, um deficiente visual participante do projeto.



Imagem 3: Jardim do IFRO

Fonte: José Augusto

Nesta foto Augusto utilizou a descrição feita por seu intérprete e se baseando pelas cores e as pedras no chão, imaginou um grande aquário e ao tirar a foto tentou transmitir o que tinha percebido. Se procurarmos “ver com os seus olhos” veremos a mesma imagem, pois as cores, as pedras, as árvores e o ambiente são características de um aquário, que nos remete a essa ideia, faltando ali somente os peixes para completar o cenário.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do projeto compreendeu-se que a arte da fotografia vai além das fronteiras visuais. Levando a imaginar ou vivenciar a visão que um deficiente visual tem do mundo. Compreendemos ainda, que todos nós somos “cegos”, pois, uma imagem não é só visual, mas são sentimentos demonstrados pelo fotógrafo. E, quando a fotografia é retratada por um deficiente visual devemos olhar a imagem com o sentimento para podermos entender a mensagem transmitida.

A fotografia aqui é utilizada como a visão de alguém que não tem visão, que busca em sua escuridão através de uma câmera obscura mostrar a beleza do mundo em que vive. É comparado com um pintor ou um escultor que tentam se conectar com

o mundo através da sua arte.

Para os deficientes visuais essa arte é tida como a maneira de comunicarem ao mundo o que sentem e o que “veem”, que não precisam ser excluídos, necessitam de oportunidades para demonstrar o que sabem. Bavcar (1998) relata que a “percepção não é aquilo que vemos, mas a maneira como abordamos o fato de ver”.

O compartilhamento das experiências obtido no decorrer deste projeto contribuiu para o alcance da inclusão social, tendo em vista que o instituto possui tal deficiente entre seu alunado. Para a sociedade teve a compreensão de que um deficiente visual só não enxerga com os olhos naturais, mas enxerga com os sentimentos e que esses podem nos ser transmitidos através da fotografia.

REFERÊNCIAS

BELTING, Hans (2005). **Por uma antropologia da imagem**. Conccinintas. Ano 6, volume 1, n. 8, julho 2005, p. 65-78.

BENJAMIN, W. (1998). **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense.

FLUSSER, V. (1985). **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec.

NUNES, Brunella (2013). **A história inspiradora do homem cego que conseguiu realizar o seu sonho: ser fotógrafo**. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2014/08/a-historia-do-homem-que-nasceu-cego-e-se-tornou-fotografo/> Acesso em 04 Abril 2017.

SOLDERA, Dânia (2003). **Fotografia: o que surgem entre a imagem e a pessoa que olha**. In: VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Anais... Goiânia-GO: UFG, FAV, 2013

TESSLER, E., & Caron, M. (1998) **Uma câmera escura atrás de outra câmera escura**. Entrevista com Evgen Bavcar. Porto Arte – Revista de Artes Visuais. Volume 9, n. 17, p. 91-100. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27765/16363>. Acesso em 10 de abril de 2017.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Danielle Helena Almeida Machado - Graduada na Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Inglesa. Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Teoria Literária pela Secal (Sociedade Educativa e Cultural Amélia). Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Esap (Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação). Pós-Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade São Braz. Pós-Graduada em Qualidade Pública e Responsabilidade Fiscal pela Faculdade São Braz. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Dialetoologia, Teoria Literária, Língua Portuguesa e Inglesa. Na área da Indústria possui experiência de Interpretação de Textos Técnicos em Português e Inglês, Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Produção e Gestão Industrial no SENAI/ PG (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema Fiep, Conselheira da Gestão do Clima, Co-fundadora do ProPcD – Programa de Inclusão da Pessoa com Deficiência no Mercado de trabalho. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 88, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 135, 161, 162
Aprendizagem 6, 24, 31, 34, 41, 44, 46, 47, 49, 58, 63, 65, 66, 68, 72, 83, 88, 103, 104, 105, 106, 108, 112, 120, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 140, 142, 144, 154, 155, 156, 160, 168, 187, 188, 189, 191, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 228, 236, 238, 240, 253

D

Deficiência visual 122, 124, 127, 128, 131, 132, 134, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 168, 171

Desenvolvimento humano 69, 238, 252

Dificuldade de aprendizagem 201, 204, 207, 209

Docente 23, 24, 31, 32, 37, 41, 43, 49, 50, 62, 68, 70, 75, 76, 80, 105, 108, 110, 112, 113, 115, 129, 133, 134, 153, 158, 160, 162, 183, 199, 204, 238, 239, 244, 246, 249, 251, 252

E

Educação ambiental 1, 2, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 20, 21, 72

Educação básica 33, 38, 46, 51, 52, 67, 71, 72, 75, 84, 86, 87, 93, 133, 141, 153, 155, 164, 167, 168, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 197, 198, 199, 201, 208, 238, 239, 244, 251, 252

Educação inclusiva 76, 77, 78, 79, 80, 85, 87, 88, 92, 103, 105, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 133, 135, 136, 142, 158, 164, 165, 205

Educação no campo 37, 65, 66, 74

ENEM 9, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Ensino-aprendizagem 31, 58, 66, 83, 104, 105, 106, 112, 123, 191, 197, 201, 202, 204, 205, 208, 228, 236

Ensino fundamental 6, 12, 13, 23, 24, 25, 33, 66, 70, 71, 72, 74, 76, 86, 118, 142, 152, 153, 154, 156, 157, 161, 165, 169, 172, 209

Escolas do campo 25, 27, 30, 31, 33, 34, 42, 46, 48, 49, 51, 64, 65, 66, 67, 72, 74

Estudante 49, 58, 90, 123, 124, 125, 126, 185, 190, 191, 194, 228, 235

F

Formação docente 24, 41, 43, 110, 238, 239, 244, 246

Formação humana 24, 26, 41, 42, 47, 59, 115, 238, 239, 240, 244, 245, 246, 248, 251

G

Gestor escolar 161, 201

M

Memória 45, 47, 50, 113, 143, 147, 148, 212, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 237

Multiletramento 110

P

Pessoas com deficiência 80, 87, 92, 120, 121, 125, 135, 146, 154, 155, 159, 166

Políticas Públicas 35, 48, 52, 56, 67, 68, 69, 70, 74, 80, 85, 93, 121, 123, 125, 149, 153, 154, 163, 165, 173, 179, 180, 184, 240, 241

Professor 13, 37, 38, 39, 46, 50, 65, 76, 79, 80, 82, 83, 100, 104, 105, 113, 115, 133, 134, 135, 136, 140, 148, 156, 159, 160, 164, 189, 200, 201, 203, 205, 227, 228, 238, 239, 240, 246, 247, 248, 249, 250

Psicopedagogia 197, 204, 209, 210

S

Surdo 82, 83, 85, 87, 88, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 147

Sustentabilidade 2, 6, 10, 11, 20, 47, 51

T

Tecnologia assistiva 120, 124, 127

Trabalhadores rurais 25, 35, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

V

Violência nas escolas 9, 238, 244, 245, 246, 247, 248, 251

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-604-1

